AULAS REMOTAS DE ARTE EM ISOLAMENTO SOCIAL: TECENDO POSSILIDADES

REMOTE ART CLASSES IN SOCIAL ISOLATION: WEAVING POSSIBILITIES

MILTON DE SOUZA

Resumo

Pretende-se com este artigo mostrar, sob a perspectiva pedagógica, e num momento de isolamento social, algumas possibilidades que foram encontradas para ministrar aula de arte remota a alunos do 8º e 9º ano do ensino fundamental , onde parte desses alunos, encontram-se com dificuldades de acesso, devido ao novo modelo de aula implantado emergencialmente nas escolas públicas e a grande carência de recursos tecnológicos. Muitas plataformas digitais nesse momento da pandemia, aproximaram alunos e famílias da escola e isso fez com que a rotina escolar não entrasse de vez num colapso imensurável. O professor de arte diante desse quadro teve que se reinventar para ministrar uma disciplina que exige muito da presença do aluno, devido a corporeidade na dança, no teatro e até na musica devido ao manuseio de instrumentos musicais. Colocou-se assim para este e outros professores, um desafio pela ausência do espaço sala de aula, mas a criatividade além da tecnologia trouxeram resultados positivos e possíveis.

PALAVRAS-CHAVES: Aula remota; Isolamento; Criatividade; Plataformas.

ABSTRACT

The aim of this article is to demonstrate, from a pedagogical perspective, and in a moment of social isolation, some possibilities that were found to teach remote art classes to students in the 8th and 9th grade of elementary school, where some of these students have access difficulties, due to the new class model emergency implemented in public schools and the great lack of technological resources. Many digital platforms at this time of the pandemic, brought students and families closer to the school and this prevented the school routine from entering into an immeasurable collapse once and for all. The art teacher in light of this situation needed to reinvent himself to teach a discipline that demands a lot from the student's presence, in view of the corporeality in dance, theater and even music, owing to the handling of musical instruments. It was a challenge for this and the other teachers because of the absence of the classroom, but the creativity in addition to technology have produced positive and possible results.

KEYWORDS: Remote class; Isolation; Creativity; Platforms.

1. INTRODUÇÃO

Sendo arte um componente curricular que consolida o tripé apreciação, produção e reflexão, a aula remota apresenta questionamentos como: Se a produção é a oportunidade do aluno testar, conhecer e escolher diferentes cores, formatos, gestos, movimentos corporais e sons, como tudo isso pode acontecer num ambiente de isolamento, sem a troca com colegas e em muitos casos sem acesso à internet?.

O isolamento social descortinou um cenário jamais visto e imaginado por toda sociedade educadora. A escola invadiu a privacidade e a falta de investimento nas escolas públicas e em politicas de emprego e renda, incidiu de forma impactante no aprendizado remoto. Como vimos exaustivamente nas midias, alunos menos favorecidos, ficaram a mercê de decisões por parte do poder público, que não contemplou a todos principalmente alunos oriundos de áreas com alta taxa de vulnerabilidade social.

Conteúdos como dança, musica e teatro, norteou para um fazer mecanizado

resumindo-se apenas no receber, produzir, e postar e isso demonstrou a necessidade de metodologias criativas para se alcançar resultados significativos.

A diversidade de abordagens das linguagens da arte, proporciona ao professor uma busca mais direcionada ao trabalho interdisciplinar. E isso graças a possibilidades que a muitas plataformas digitais oferecem inclusive na comunicação em tempo real com outros professores.

Nessa perspectiva, arte em aula remota necessita de reformulações de conceitos buscando sempre o sentido da aprendizagem e não apenas resumindo-se num simples aprender artesanal onde os alunos em grande parte, por dominarem as tecnologias de informação atuais e por possuírem aparelhos cada vez mais sofisticados, com informações em tempo real em várias fontes, sentem-se desmotivados com aprendizagens fora dessa realidade.

Essa junção entre a informação e aprendizagem proporciona saberes que desafiam conteúdos e metodologias e que se não reformuladas direcionam a uma aula sem muitos ganhos para o professor e sem sentido para os alunos, podendo em alguns casos criar conflitos de forma recíproca. Para isso, Klebis (2010) destaca que:

“ a relação professor-aluno é o grande motivador do professor. Se ele sente prazer nessa relação, vai ser um professor motivado, porque vai se comprometer com aquela criança, aquele jovem. (...) o professor tem que “vestir a camiseta” do aluno, tem que estar do lado dele, entendê-lo (...). E o aluno percebe isso. Quando o professor gosta do que está fazendo, ele se torna extremamente fascinante aos olhos dos alunos. A relação “apaixonada” do professor com o que ele trabalha e a forma generosa com que ele trabalha (...) “

O aluno em seu período de desenvolvimento psicossocial necessita do grupo para uma realização plena e integral e estando em isolamento social, busca esse encontro em trocas virtuais que muitas vezes o faz dividir o tempo de atividades com a troca de conversas mas que também é importante na aprendizagem.

Neste contexto, cabe ao professor compreender que é necessário saber o que pretende do aluno, as habilidades que devem ser adquiridas, os valores e as competências que pretende desenvolver. Em suma, é sua missão buscar meios de compreender qual o grande empecilho que os alunos encontram para manter um contato virtual satisfatório, já que gostam de ler e escrever nas telinhas, ou assistir a vídeos, jogar games etc... e sem o acesso a esses recursos a possibilidade de desmotivação tende a crescer. Portanto, Cunha (2013) ressalta que:

Existe uma relação de reciprocidade entre a motivação e a aprendizagem, pois o aluno aprende como resultado da sua motivação e consequentemente, fica motivado por aprender mais.

Em se tratando de meios de contato e continuidade das aprendizagens, as escolas públicas brasileiras, optaram pela alternativa do ensino remoto como solução para o enfrentamento da Covid-19 e para cumprimento dos dias letivos determinado pela LDB. Muitos protocolos de saúde foram apresentados direcionando o autocuidado de funcionários e alunos para um possível retorno até então incerto, o que trouxe incerteza e dúvidas, devido a oscilação de curvas de mortalidade no pais. Materiais didáticos foram entregues aos alunos pela escola para acompanhamento remoto mas com pouca ênfase no aprender sobre artes.

Diante desse cenário, buscou-se não somente agregar o conteúdo digital com a materialidade existente no contexto do aluno, como inovar em temas para além dos objetos do conhecimento e da matriz dos saberes, e para um envolvimento pedagógico mais dinâmico e prazeroso.

Sendo assim, neste artigo apresen-

tamos propostas de aulas que foram trabalhadas virtualmente, e que demonstraram resultados positivos, pois buscar outras estratégias de acesso foi um desafio para que todos tivessem oportunidades iguais de participação e para que a arte em todos os seus aspectos formativos continue contribuindo com as aprendizagens, pois muito ainda tem que ser feito para que de fato, ela retome seu lugar no panteão de conhecimento de importância como tinha no passado.

2 - O ENSINO DE ARTE NO BRASIL – UM POUCO DE HISTÓRIA

No Brasil, o ensino de arte passou por diversas mudanças em toda sua história até os dias atuais e continua mudando com o tempo. Essas mudanças ocorreram devido a situações e necessidades vividas em cada época em todos os contextos da história de nosso país a da educação. Com isso o ensino da arte também o que é correto afirmar com relação a história, passou por diversas mudanças em toda sua estrutura até os dias atuais e Continuará mudando com o tempo.

No Brasil a partir do século XX, o ensino da arte passou pelas tendências pedagógicas tradicionais e tecnicistas e só na LDB 5692/1971 o ensino das Artes passou a ser chamado como educação artística ainda como “atividade educativa” e não como disciplina. Entretanto, mesmo com a atual Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96, que revogou disposições anteriores reconhecendo-a como disciplina, tendo seu ensino se tornado obrigatório na educação básica, conforme dispõe o parágrafo 2º do artigo 26, atualmente o ensino da arte deixou de ser componente curricular obrigatório, para compor-se como alternativa opcional no campo linguagens e códigos, tendo menos importância que outras disciplinas. Porém, sua trajetória até os dias atuais seguiu-se dessa forma:

1816 - Chega ao Rio de Janeiro durante o governo de dom João VI, a Missão Artística Francesa e é criada a Academia Imperial de Belas Artes. Seguindo modelos europeus, que preocupava-se mais com a estética e é instalado oficialmente o ensino de Arte nas escolas.

1900 - Até o início do século XX, o ensino do desenho é visto como uma preparação para o trabalho em fábricas e serviços artesanais. Ensino tecnicista e são valorizados apenas o traço, a repetição de modelos e o desenho geométrico.

1922 - Apesar de todas as manifestações da Semana de Arte Moderna, o ensino segue as tendências da escola tradicional, que defende mais a necessidade de copiar modelos para treinar habilidades manuais do que criar.

1930 - Com o compositor Heitor Villa-Lobos, no governo de Getúlio Vargas, institui- se o projeto de canto orfeônico nas escolas e são formados corais, cujo aprendizado, desenvolveu-se pela memorização de letras de músicas de caráter folclórico e cívico.

1935 – É promovido um concurso de desenho para crianças com tema livre, pelo então escritor e diretor Mario de Andrade do Departamento de Cultura do município de São Paulo, onde o ganhador receberia uma quantia em dinheiro.

1948 - É criada no Rio de Janeiro a primeira “Escolinha de Arte”, com a intenção de propor atividades para o aluno desenvolver a auto expressão e a prática e em 1971, chega a 32 o número de instituições particulares com esse método no país.

1960 - As transformações e experimentações que marcam a sociedade, como exemplo o movimento da bossa nova, influenciam o ensino de Arte nas escolas de todo o país, dando início á época da tendência da livre expressão que se expandiu pelas redes de ensino.

1971 - Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 5692/71, a educação Artística (que inclui artes plásticas, educação musical e artes) passa a fazer parte do currículo escolar do Ensino Fundamental e Médio um grande passo para o reconhecimento da disciplina.

1973 - Criação dos primeiros cursos de licenciatura em Arte, com dois anos de duração e voltados à formação de professores capazes de lecionar música, teatro, artes visuais, desenho, dança e desenho geométrico.

1989 - Ana Mae Barbosa cria a proposta triangular (fazer, ler imagens e estudar a história da arte), pesquisas que desenvolve desde 1982, que inova ao colocar obras como referência para os alunos.

1996 - A LDB passa a considerar a Arte como disciplina obrigatória da Educação Básica. Os Parâmetros Curriculares Nacionais definem que ela é composta de quatro linguagens: artes visuais, dança, música e teatro.

2017 - Com a nova configuração da BNCC, o ensino de arte passa a integrar, o eixo de linguagens, e deixa de ser ensino obrigatório, perdendo espaço para língua portuguesa, disciplina obrigatória.

3 – A DISCIPLINA DE ARTE NO CONTEXTO ENSINO APRENDIZAGEM

Arte como disciplina e conhecimento de importância deve garantir aos alunos, vivências que compreendam aspectos técnicos, criativos, simbólicos e suas interconexões em música, artes visuais, teatro, dança. Para tal é necessário um trabalho integrado, organizado e consistente, por meio de atividades artísticas relacionadas com as experiências e necessidades da sociedade em que os alunos vivem. Segundo (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 57).

Pensar sobre os sentidos e funções da arte conduz necessariamente ao conhecimento do próprio processo artístico, que, como mencionado, inclui produtores/artistas/autores; as obras/produtos artísticos; as formas de comunicação/distribuição/difusão e suas relações com o co/plateia/apreciadores.

A arte pode favorecer a formação da identidade e de crianças e jovens que se educam nas escolas, e ainda contribui para a aquisição de competências culturais e sociais no mundo no qual estão inseridos. O objetivo a que se propõe o ensino da disciplina Arte, em toda a sua especificidade prevista na forma de lei, é essencial para a construção do sujeito participativo na sociedade.

O objetivo do ensino de Arte é tratar e relacionar sentimentos, trabalhar aspectos psicomotores cognitivos e psicomotores , além de planejar e implementar projetos criativos e se engajar emocionalmente neles, num permanente processo reflexivo. Talvez diferente de outras disciplinas, no ensino de Arte, proporciona aos alunos um contato consigo mesmos, quando, por exemplo, realizam um jogo teatral, criam uma coreografia, interpretam uma música ou apreciam um quadro, manuseiam um instrumento musical. Isso não é nada menos do que formar a sua própria imagem de mundo e compreender a realidade em que vive. Sobre esta abordagem, (MARQUES, BRAZIL, 2014. P. 29), ressaltam que:

“ O acesso à arte por meio da escola formal é o início de um caminho para sitematizar, ampliar e construir conhecimento nas diferentes linguagens artísticas que nos possibilitam interagir no mundo de forma diferenciada. É o mesmo tipo de direito que garante à matemática, à Lingua e às Ciências que estão presentes nos currículos. ”

Revelar o potencial criativo do aluno para o desenvolvimento como ser humano em sua integralidade, ampliar a capacidade de julgar e agir, ter responsabilidade, tolerância, consciência dos valores são alguns dos

outros objetivos dessa disciplina. Diante da complexidade presente nas escolas, como dificuldades de concentração problemas de violência, interesse dos alunos pelas aulas, as tarefas dos professores de Arte parecem expandir nesse espaço.

Efetivamente, o ensino de arte pode ajudar nas diversas formas de trabalhos coletivos por meio dos quais os alunos, grupos ou equipes, podem definir eles mesmos objetivos e, depois, chegar a resultados que foram trabalhados em conjunto. As competências e habilidades surgem durante o processo e assumem partes de tarefas independentes como a experiência de grupos vocais e instrumentais ou grupos teatrais e de dança, e isso na metodologia de trabalho na área de Arte tem grande significado.

Mas a arte permite também um trabalho individual que discuta a tolerância, a empatia, o exercício para com o outro. Esse trabalho pode promover a autoconfiança e a coragem de se mostrar. Geralmente, essas competências são ignoradas na escola, aparecendo em momentos pontuais e como decoração do ambiente e esse não é sua finalidade.

O campo das arte precisa ser visto como um campo teórico-prático. Ao invés de consumir grandes quantidades de conhecimento escolar, que será esquecido logo após as avaliações escritas, o ensino de Arte reivindica para si, através de um trabalho prático e objetivo, orientado para a ação, ancorar efetivamente o conhecimento sensorial que envolve todos os sentidos: tato, visão olfato, audição, gustação.

O ensino tradicional promove o pensamento linear, causal, enquanto a arte oferece o pensamento em rede, discursivo e trabalha com a inteligência emocional. A tentativa é a de superar um discurso modernista em que razão/sentimento, corpo/alma são tratados de uma forma dicotômica e integral.

Em resumo, o ensino das artes oferece aos alunos oportunidades de realmente aprenderem para a vida em comunidade. Isso ocorre porque sua principal função é oferecer um espaço de experiência. O aluno artisticamente criativo pratica o exercício da livre escolha. Aqueles que constroem modelos aprendem a redesenhar o futuro, procuram novas soluções, exercitam suas faculdades críticas na leitura de mundo e de sociedade.

É importante ressaltar que essas competências deveriam estar no foco de toda a escola e não apenas no ensino de Arte e seus métodos, pois, caso contrário, o ensino de Arte pode se tornar uma caixa fechada no conjunto de disciplinas escolares, deixando pouco espaço para uma aprendizagem orientada para a ação e para a compreensão por meio dos sentidos, ou uma aprendizagem vivencial. Aprender, nesse caso, significa sempre conciliar questões de interesse da área e o interesse dos alunos, com a prática do professor, (DIAS, 2011, p. 60), sintetiza que:

” as práticas do ensino de arte estão comprometidas inteiramente com o objeto ou o artefato material denominado arte, mas raramente desenvolvem estratégias, métodos ou modelos interpretativos que reflitam, explorem e valorizem o sujeito como um elemento fundamental para a compreensão do contexto e posicionamento da visão do expectador”

4 – O CONTEÚDO DE ARTE E A NOVA BNCC – AVANÇOS E RETROCESSO

Durante anos, o ensino de Arte resumia-se em tarefas marcadamente repetitivas pouco criativas. Desvalorizada no currículo escolar, as aulas dificilmente tinham continuidade ao longo do ano letivo. “ As atividades iam desde ligar pontos até copiar formas geométricas. A criança não tinha estímulo criador e, por isso, cabia ao professor dirigir seu trabalho e demonstrar o que estava certo e errado

Nas últimas décadas, esse contexto vem mudando nas escolas brasileiras. Hoje, a tendência que guia a área de arte na escola é a chamada sociointeracionista, que prega a leitura de imagens através da mistura de produção, reflexão e apreciação de obras artísticas, e por isso ganha o nome de Abordagem Triangular. Como defende a nova BNCC, é papel da escola "ensinar a produção histórica e social da arte e, ao mesmo tempo, garantir ao aluno a liberdade de imaginar e edificar propostas artísticas pessoais ou em grupo com base em suas próprias intenções. Neste contexto Barbosa (2005, p.100), ressalta que:

"Desconstruir para reconstruir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modifica-lo de acordo com o contexto e a necessidade são processos criadores desenvolvidos pelo fazer e ver arte, e decodificadores fundamentais para a sobrevivência no mundo cotidiano"

Infelizmente, ainda encontramos professores que trabalham na chamada metodologia tradicional, que supervaloriza os exercícios mecânicos e as cópias por acreditar que a repetição é capaz de garantir mais aprendizagem aos alunos "fixando modelos prontos". Sob essa ótica, considera mais importante o produto final (e quanto mais próximo for do original melhor será), sinalizando para um retrocesso nas aprendizagens.

É por isso que, além de criar os próprios desenhos, também é importante a d comparação destes com outras obras o que ajuda a ampliar o próprio repertório. Com relação à apresentações teatrais, as crianças eram obrigadas ao longo dos tempos a apenas memorizar textos ou letras de música para se apresentar em datas comemorativas - sem falar no treino exaustivo e mecânico de habilidades manuais como tecelagem, bordado ou cópias.

Só a partir de 1960, com o surgimento do movimento da Escola Nova, ou modelo escolanavista, ideias modernizadoras começaram a influenciar as aulas de Arte. Na época, a proposta era romper totalmente com o jeito anterior e tradicional de trabalhar.

Segundo esse modelo, batizado de escola espontaneísta (ou livre expressão), os professores forneciam materiais, espaço e estrutura para as turmas criarem, deixando o aluno livre e não interferiam durante a produção dos estudantes tudo para permitir que a arte surgisse naturalmente nos estudantes, de dentro para fora e sem orientações que pudessem atrapalhar esse processo. Achava-se que a criança tinha seu próprio meio de criar e o adulto não deveria interferir.

Mais precisamente na década de 1990, duas importantes inovações pavimentaram o caminho para o modelo atual: O espanhol Fernando Hernández defendeu o estudo da chamada cultura visual (muito além das artes visuais clássicas, para ele era necessário, trabalhar com videoclipes, internet, histórias em quadrinhos, objetos populares e da cultura de massa, rótulos, embalagens e outdoors nas salas de aula).

Enfim, percebemos que, desde o início dos anos de 1990, muitas mudanças ocorreram na área da Arte. Entretanto, na prática da escola, ainda percebemos fragilidades acerca da lógica e da compreensão sobre a relevância do ensino da Arte, cultura, estética na formação humana. Professores mais tradicionais, criam resistência em adotar os novos métodos por acharem desconectados da realidade.

A BNCC apresenta também em sua organização, outra novidade. Temas chamados integradores, que são concebidos para permear toda a proposta e todas as áreas do conhecimento. Esses temas integradores aparecem nos objetivos de aprendizagem como indicadores que sugerem ao professor que, a partir desse objetivo, ou na relação com esse objetivo, são possíveis de ser articulados outros saberes, nesse caso já elencados na proposta como: Economia, Educação financeira e sustentabilidade; Culturas

indígenas e africanas; Culturas digitais; Direitos humanos e cidadania; Educação ambiental (BRASIL, 2016, p. 235).

Em relação à especificidade de conteúdos das Artes Visuais nos Anos Inicias, eles são compreendidos como:

As Artes Visuais compreendem o fenômeno visual, seus processos e produtos artísticos e culturais, nos diferentes tempos históricos e contextos sociais, sendo o olhar o elemento de interlocução entre a criação e a recepção. Essas manifestações visuais resultam de explorações plurais e transformações de materiais, de recursos tecnológicos e de apropriações da cultura cotidiana. (BRASIL, 2016, p. 236).

Enfim, a nova BNCC precisa levar em conta essas questões consideradas ainda frágeis no que considera a arte, pois a arte em nosso tempo, pede passagem, provoca-nos, lança-nos linhas que se tracem caminhos possíveis entre linguagem e vida. Sendo assim, as certezas de que mudanças ocorrerão poderá ser uma icógnita, mas aponta abertura para que os sujeitos entendam essa proposta e a partir dela possam fazer suas escolhas até ocorrer um novo olhar para as aprendizagens em arte.

5 – AULAS VIRTUAIS E ENSINO DE ARTE PARA ALUNOS EM ISOLAMENTO

Com o isolamento social causado pelo novo coronavírus, e com a necessidade de continuidade dos dias letivos, a internet se tornou a principal ferramenta de apoio, de entretenimento e de transmissão de informações em tempo real com aumento de acesso. Entre diversas iniciativas, plataformas como classroom, teams e meets do google, além lives, filmes e séries foram liberados pelas empresas provedoras, justamente para colaborar com os protocolos de saúde. Apresentações musicais ou mesmo releituras de clássicos da música especialmente para o ambiente virtual ficaram com acesso complexo devido o aumento da demanda.

Nessa perspectiva, alunos do 8º e do 9º ano da Escola de Ensino Fundamental Jardim Silva Teles, no Itaim Paulista, tiveram continuidade das aulas de arte, através das plataformas presentadas, o que trouxe ganhos na aprendizagens. Com envio do livro Trilhas da Aprendizagem pela secretaria municipal de educação, puderam acompanhar o conteúdo de artes, mas atividades criadas para completo, utilizando materiais de fácil acesso, exemplo: recicláveis, tiveram grande importância no processo.



Atividade Máscara Africana

Aluna Camilly 8 ano A



Atividade Máscara protetora Covid 19 motivos africanos

Aluna Dana 8 ano A

Atividades como colagens, pintura, foto imagens, Instalações e desenhos criativos, eram solicitadas pelas plataformas citadas e recebidas via foto do celular nos e- mails, o que facilitou a interação com melhores resultados. Devido a dificuldade de acesso por alunos sem possibilidade de conexão, utilizou-se e-mails pessoais, onde as atividades concluídas poderiam ser enviadas via celular para receberem devolutivas também por e-mail.

Enfim, pela incerteza do retorno ou até que este seja autorizado pelos órgãos competentes, a internet continuará sendo a ponte de contatos entre escola, professor e alunos, e novas possibilidades além das que apresentamos, serão criadas com objetivo de proporcionar a continuidade do ensino e das aprendizagens, respeitando o direito de aprendizagem conquistado historicamente pelos alunos, importantes para a realização de sujeitos capazes de contribuir para construção de sociedade mais plural e dinâmica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a elaboração deste trabalho, estando também em isolamento, tive a oportunidade de realizar alguns aprofundamentos teóricos a cerca das contribuições da disciplina de arte para a formação de sujeitos com uma visão crítica do mundo, capazes de compreender os saberes artísticos e estéticos, interpretar e respeitar as diversidades culturais. Acabei reconhecendo mais ainda que a arte tem tamanha relevância para desenvolvimento do sujeito, principalmente dentro de escola pública do ensino Fundamental, especificamente no 8º ano e no 9º ano. Fiquei surpreso com a imaginação e a criatividade dos alunos, com as devolutivas que recebi. Nesse percurso, foi possível observações sobre a necessidade de literaturas sobre ensino remoto em arte e como esse ensino poderia ser utilizado com a arte em outros ambientes de isolamento. Durante as observações, analisei também que atividades pouco significativas, como só questionários e apostilas deixavam os estudantes desmotivados e sem interesse, pois a perspectiva da criatividade era pouco explorada. Pensei em outros modelos de atividade com materiais acessíveis aos alunos como pesquisas em sites, e discussões sobre as temáticas e isso trouxe um ganho significativo. Como educador em arte acredito que esse momento de isolamento tem como reflexão repensar um outro ensino, com novas práticas e atitudes sempre com foco no aluno atuante numa sociedade justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. Dilemas da Arte\Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas In: BARBOSA, Ana Mae (Org.) Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez. 2008.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Resende. Arte na educação escolar. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARQUES, Isabel.A, BRAZIL, Fábio. Arte em questões. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2014.

KLEBIS, Carlos Eduardo de Oliveira. Escola conectada com a vida do aluno. Revista Mundo Jovem, 2010. Disponível em: http://www.mundojovem.com.br/entrevistas/edicao-411-entrevista-a-escolaconectada

-com-a-vida-do-aluno>. Acesso em 15 de outubro de 2020.

Parâmetros Curriculares Nacionais / Metodologia do Ensino da Arte, Maria Heloísa

C. de T. Ferraz e Maria. F. de Rezende e Fusari / Para gostar de aprender Arte: Sala de aula e formação de professores, Rosa Iavelberg. MEC.1998.